

UM CONTO DE A SELEÇÃO



# O GUARDA

KIERA CASS

**S E G U I N T E**



O GUARDA

K I E R A C A S S

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

**S E Q U I N T E**

O selo jovem da Companhia das Letras

— Acorde, Leger.

— Dia de folga — balbuciei, cobrindo a cabeça com o cobertor.

— Ninguém está de folga hoje. Levante e eu explico.

Suspirei. Geralmente ficava empolgado para trabalhar. A rotina, a disciplina, a sensação de dever cumprido no final do dia: amava tudo isso. Mas aquele dia era outra história.

A festa de Halloween da noite anterior tinha sido minha última chance. Quando America e eu dançamos, e ela me contou que Maxon estava distante, consegui um minuto para lembrá-la da nossa história... e pude sentir. Os laços que nos ligavam ainda estavam lá. Talvez frouxos pelo desgaste da Seleção, mas ainda presos.

“Me diga que vai esperar por mim”, eu implorara.

Ela não respondeu, mas não perdi a esperança.

Não até ele aparecer, caminhando na direção dela, exalando charme, riqueza e poder. Estava acabado. Eu tinha perdido.

O que quer que Maxon tenha sussurrado no ouvido dela na pista de dança foi o bastante para varrer todas as preocupações de sua cabeça. Ela se agarrou a ele, canção após canção, olhando-o nos olhos como costumava olhar nos meus.

Então talvez eu tenha bebido um pouco demais enquanto testemunhava a cena. E talvez aquele vaso do vestíbulo tenha quebrado porque eu o arremessei. E talvez eu tenha abafado meus gritos mordendo o travesseiro para Avery não ouvir.

A julgar pelas palavras de Avery naquela manhã, provavelmente Maxon a havia pedido em casamento na noite anterior, e nós todos teríamos de ficar a postos durante o anúncio oficial.

Como eu iria encarar aquela situação? Como poderia ficar lá e *protegê-los*? Ele daria a ela uma aliança que eu jamais poderia comprar, uma vida que eu jamais poderia oferecer... e eu o odiaria até meu último suspiro por isso.

Me sentei na cama, mas mantive os olhos no chão.

— O que houve? — perguntei. Minha cabeça latejava a cada sílaba.

— Uma coisa ruim. Muito ruim.

Franzi a testa e levantei os olhos. Avery estava sentado na cama dele, abotoando a camisa. Nossos olhares se cruzaram e notei sua preocupação.

— Como assim? O que aconteceu?

Se fosse algum drama bobo porque ninguém conseguia encontrar as toalhas de mesa da cor certa

ou algo do tipo, eu voltaria para a cama. Avery respirou fundo.

— Você conhece Woodwork? Um cara simpático, que sorri o tempo todo?

— Sim. Às vezes fazemos a ronda juntos. Ele é legal.

Woodwork antes era um Sete, e fizemos amizade logo de cara porque ambos tínhamos famílias grandes e pais já falecidos. Ele trabalhava duro; era evidente que merecia a nova casta.

— Por quê? Qual o problema? — perguntei.

Avery parecia atordoado.

— Ele foi flagrado ontem à noite com uma das garotas da Elite.

Gelei.

— O quê? Como?

— As câmeras. Havia jornalistas tirando fotos casuais das pessoas que circulavam pelo palácio, e um deles escutou ruídos atrás de uma porta. Quando abriu, deu com Woodwork e a senhorita Marlee.

— Mas é... — quase disse “a melhor amiga de America”, mas me segurei a tempo de completar — ... loucura.

— Nem me diga — Avery concordou enquanto pegava as meias e continuava a se aprontar. — Ele parecia tão esperto. Deve ter bebido demais.

Provavelmente sim, mas eu duvidava que essa fosse a razão para o que tinha acontecido. Woodwork era inteligente; queria cuidar da família tanto quanto eu. O único motivo que o levaria a arriscar ser pego era o mesmo que me levava a fazer exatamente a mesma coisa: ele devia amar Marlee desesperadamente.

Massageei as têmporas na tentativa de dissipar a dor de cabeça. Não podia passar mal naquele momento, não com algo tão grande acontecendo. Meus olhos se arregalaram assim que entendi o que aquilo significava.

— Eles vão... Eles vão matá-los? — perguntei baixinho, como se falar em voz alta pudesse lembrar a todos como o palácio lidava com traidores.

Avery negou com a cabeça, e senti meu coração voltar a bater.

— Vão açoitá-los. As outras garotas da Elite, assim como suas famílias, estarão na primeira fila. As estruturas já foram montadas do lado de fora do palácio, por isso estamos todos em serviço. Vista o uniforme.

Ele se levantou e, antes de sair, comentou, olhando para trás:

— E tome um café antes de se apresentar. Pela sua cara, parece que é você quem vai ser açoitado.

O terceiro andar e o quarto eram altos o suficiente para que a vista alcançasse além das muralhas espessas que protegiam o palácio do resto do mundo. Assim, rapidamente segui para uma janela ampla no quarto andar. Olhei para baixo e vi os assentos da família real e da Elite, bem como o

palanque para Marlee e Woodwork. Aparentemente, muitos dos guardas e funcionários do palácio tiveram a mesma ideia que eu: próximos à janela também estavam dois outros guardas e um mordomo de uniforme engomado, contrastando com o rosto enrugado de preocupação. Assim que as portas do palácio se abriram e as garotas e suas famílias caminharam em direção à multidão que gritava entusiasmada, duas criadas surgiram correndo atrás de nós. Reconheci as duas — Lucy e Mary — e abri espaço para elas ao meu lado.

— Anne vem? — perguntei.

— Não — Mary respondeu. — Não achou certo vir com tanto trabalho a fazer.

Concordei com a cabeça. Era o jeito dela.

Eu topava com as criadas de America o tempo todo, já que montava guarda à sua porta durante a noite. Sempre tentei ser profissional no palácio, mas tendia a deixar a formalidade um pouco de lado quando me relacionava com elas. Queria conhecer as pessoas que cuidavam da minha menina; a meu ver, eu tinha uma dívida eterna com elas por tudo o que fizeram por America.

Olhei para Lucy e reparei que ela retorcia as mãos, inquieta. Apesar do meu pouco tempo de palácio, já tinha percebido que, quando ela ficava estressada, sua ansiedade ficava evidente em uma dúzia de tiques nervosos. O treinamento do exército me ensinara a prestar mais atenção nas pessoas que adentravam o palácio demonstrando nervosismo. Mas eu sabia que Lucy não representava ameaça nenhuma e, quando a via conturbada, sentia necessidade de protegê-la.

— Você tem certeza de que quer ver isso? — cochichei para ela. — Vai ser horrível.

— Eu sei. Mas gostava muito da senhorita Marlee — ela respondeu, também baixinho. — Sinto obrigação de ficar aqui.

— Ela já não é uma senhorita — comentei, certo de que ela seria jogada na casta mais baixa possível.

Lucy pensou por um instante.

— Qualquer garota que arrisca a vida por alguém que ama com certeza merece ser chamada de senhorita.

— Você tem razão — eu disse, sorrindo. Observei enquanto as mãos de Lucy se acalmavam e, por uma fração de segundo, um sorriso se abriu em seu rosto.

Os vivas da multidão se transformaram em gritos de desprezo quando Marlee e Woodwork passaram cambaleando pela trilha de cascalho até a clareira aberta diante dos portões do palácio. Os guardas os conduziam aos empurrões. Ao ver o modo como Woodwork caminhava, supus que ele já tivesse levado uma surra.

Não dava para ouvir as palavras, mas observamos seus crimes serem anunciados a todos. Concentrei-me em America e em sua família. May parecia estar se esforçando para não desabar, com os braços em volta da barriga, defensivamente. A expressão no rosto do senhor Singer era de desconforto, mas serena. Meri parecia apenas confusa. Desejei que pudesse abraçá-la e dizer que tudo ia ficar bem sem que eu mesmo acabasse num cadafalso.

Lembrei do dia em que vi Jemmy ser açoitado por roubo. Se pudesse, teria trocado de lugar com ele sem hesitar. Ao mesmo tempo, lembrei do imenso alívio que senti por nunca ter sido pego nas poucas vezes em que roubei. Imaginava que America devia sentir o mesmo naquele momento: desejava que Marlee não precisasse passar por isso, mas estava grata por não sermos nós.

Quando as varas baixaram sobre os condenados, Mary e Lucy pularam assustadas, embora não conseguíssemos escutar nada além da multidão. As pausas entre os golpes só serviam para que Woodwork e Marlee sentissem o máximo de dor: antes que a ardência passasse, uma nova pancada vinha e queimava mais fundo. Fazer as pessoas sofrerem é uma arte — e o palácio parecia tê-la dominado.

Lucy cobriu o rosto com as mãos e chorou baixinho, enquanto Mary a abraçava para reconfortá-la. Eu estava prestes a fazer o mesmo quando um vulto ruivo chamou minha atenção.

O que ela estava fazendo? Lutando contra o guarda?

Senti meu corpo entrar em conflito. Queria correr até lá e botá-la de volta em seu lugar, mas também queria pegar sua mão e levá-la embora dali. Queria encorajá-la e, ao mesmo tempo, suplicar que parasse. Aquela não era a hora nem o lugar de atrair atenção para si.

Vi America saltar a grade, a cauda do vestido esvoaçando enquanto ela caía. Foi quando ela se recompôs da queda que percebi que ela não estava tentando fugir daquele pesadelo que se desenrolava diante de seus olhos. Em vez disso, foi em direção aos degraus que levavam até Marlee.

Meu peito se encheu de orgulho e medo.

— Ah, céus! — Mary exclamou.

— Sente-se, senhorita! — Lucy suplicou, com as mãos coladas na janela.

America corria. Perdeu um sapato no caminho, mas se recusava a desistir.

— Sente-se, senhorita America! — berrou um dos guardas ao meu lado.

Ela alcançou o primeiro degrau da plataforma. Minha cabeça ardia com o sangue que pulsava.

— Tem câmeras por toda parte! — gritei para ela através do vidro.

Um guarda finalmente a apanhou e a prensou contra o chão. Ela resistiu e ainda tentou lutar. Desviei o olhar para os membros da realeza: os três tinham os olhos cravados na garota ruiva que se debatia no chão.

— É melhor vocês voltarem para o quarto dela — falei para Mary e Lucy. — Ela vai precisar de vocês.

Ambas se retiraram correndo.

— Vocês dois — me dirigi aos guardas. — Vão lá para baixo e certifiquem-se de que não estão precisando de mais ajuda. Não dá para saber quantas pessoas assistiram tudo isso e ficaram abaladas.

Eles saíram às pressas, rumo ao primeiro andar. Eu queria estar ao lado de America, ir ao seu quarto naquele mesmo segundo. Mas sob aquelas circunstâncias, sabia que o melhor era ser paciente. Era mais seguro que ela ficasse a sós com as criadas.

Na noite anterior, tinha pedido a America que me esperasse, imaginando que ela voltaria para casa

antes de mim. Mais uma vez esse pensamento tomou conta da minha mente. Será que o rei toleraria aquilo?

Eu sofria tentando respirar, pensar e processar os acontecimentos ao mesmo tempo.

— Magnífico — sussurrou o mordomo. — Quanta coragem.

Ele se afastou da janela e voltou ao trabalho, e eu fiquei me perguntando se ele se referia ao casal no palanque ou à garota de vestido sujo. A punição chegara ao fim. Permaneci ali, na tentativa de entender tudo o que acontecera. A família real se retirou, a multidão se dispersou e alguns guardas ficaram encarregados de levar os dois corpos exaustos que, mesmo inconscientes, pareciam inclinar-se um na direção do outro.

Lembrei dos dias em que esperava ansiosamente para correr até a casa da árvore e os ponteiros do relógio pareciam andar para trás. A situação, porém, era mil vezes pior. Eu *sabia* que havia algo errado. *Sabia* que ela precisava de mim. E não podia ir até ela.

O melhor que podia fazer era trocar de posto com o guarda escalado para vigiar a porta dela naquela noite. Enquanto a noite não caísse para que eu pudesse vê-la novamente, teria de me enterrar em trabalho.

Estava indo para a cozinha, para finalmente tomar café da manhã, quando ouvi as queixas.

— Quero ver a minha filha!

Nunca tinha ouvido tanto desespero na voz do senhor Singer.

— Sinto muito, senhor. Por motivos de segurança, precisamos tirá-lo do palácio agora — um guarda respondeu. Lodge, pela voz.

Espiei o canto de onde vinham as vozes e, de fato, lá estava Lodge tentando acalmar o senhor Singer.

— Mas vocês nos mantiveram enjaulados desde aquele espetáculo horrendo. Minha filha foi arrastada para cá e não a vi mais! Quero vê-la!

Assumi um ar determinado e interfeiri na conversa:

— Permita que eu cuide disso, soldado Lodge.

Lodge assentiu e se afastou. Na maioria das vezes em que eu agia como quem estava no controle, as pessoas me davam ouvidos. Era simples e eficaz.

Assim que Lodge sumiu pelo corredor, me aproximei do senhor Singer.

— O senhor não pode falar assim por aqui. Não viu o que acabou de acontecer? E tudo por causa de um beijo e um vestido desabotoado.

O pai de America concordou com a cabeça e passou a mão pelo cabelo.

— Eu sei. Sei que você está certo. Não acredito que a obrigaram a assistir aquilo. Não acredito que obrigaram *May* a assistir aquilo.

— Se serve de consolo, as criadas da America são muito dedicadas, e tenho certeza de que estão cuidando bem dela. Não há notícias de que ela tenha dado entrada na ala hospitalar, então talvez não tenha se machucado. Pelo menos não fisicamente. Até onde eu sei — Deus, como odiava dizer aquilo em voz alta —, ela é a preferida do príncipe Maxon.

O senhor Singer abriu um leve sorriso, que não se refletia em seus olhos.

— É verdade.



Lutei com todas as forças para não perguntar tudo o que ele sabia.

— Estou certo de que ele será bastante paciente com America enquanto ela estiver lidando com essa perda.

Ele concordou e depois murmurou, como se falasse para si mesmo:

— Esperava mais dele.

— Senhor?

Ele respirou fundo e se recompôs.

— Nada — o senhor Singer disse, e então deu uma olhada no palácio, mas não pude distinguir se era um olhar de admiração ou desprezo.

— Sabe, Aspen, America nunca acreditaria se eu dissesse que ela é boa o suficiente para este lugar. Em certo sentido, ela está certa. Ela é boa demais para isso.

— Shalom?

O senhor Singer e eu olhamos para trás e nos deparamos com a senhora Singer e May dobrando a esquina do corredor com as malas.

— Estamos prontas. Você viu America?

May se afastou da mãe e correu para se aconchegar na perna do pai. Ele a envolveu com o braço de maneira protetora.

— Não. Mas Aspen vai garantir que ela fique bem.

Eu não tinha dito nada do gênero, mas nossas famílias eram muito próximas e ele sabia que eu faria isso. É claro que faria.

A senhora Singer me deu um abraço rápido.

— Não tenho palavras para descrever como é reconfortante saber que você está aqui, Aspen. Você é mais inteligente que todos os outros guardas juntos.

— Não os deixe ouvir isso — brinquei. Ela sorriu e se afastou.

May correu até mim, e me abaixei para ficarmos na mesma altura.

— Aqui vão uns abraços extras. Você poderia ir até a minha casa e repassá-los para minha família?

Ela fez que sim com a cabeça. Esperei May me soltar, mas ela não o fez. De repente, levou os lábios ao meu ouvido:

— Não deixe ninguém machucá-la.

— Jamais.

Ela apertou mais forte. Fiz o mesmo, com um desejo enorme de protegê-la do mundo à sua volta.

May e America tinham mais semelhanças do que elas mesmas percebiam. Só que May ainda não havia desenvolvido uma armadura. Ninguém a protegia do mundo além dela mesma. America era poucos meses mais velha do que May quando começamos a namorar; ela tomara uma decisão que muita gente mais velha do que nós não tinha coragem de enfrentar. Mas enquanto America tinha consciência do mal ao seu redor, das consequências que viriam se as coisas dessem errado, May vivia praticamente alheia ao que existia de pior no mundo.

Tive medo de que um pouco dessa inocência tivesse sido roubada naquele dia.

May enfim me soltou. Levantei e estendi a mão para o senhor Singer. Ele a tomou e falou serenamente:

— Fico contente por ela ter você. É como se tivesse um pedaço de casa.

Nossos olhares se cruzaram, e mais uma vez tive o ímpeto de perguntar o que ele sabia. Imaginava que, no mínimo, ele suspeitava de algo. O olhar do senhor Singer permaneceu firme, mas eu tinha sido treinado para procurar segredos nos rostos das pessoas. Não podia sequer imaginar o que ele escondia de mim, mas sem dúvida havia alguma coisa.

— Cuidarei dela, senhor.

Ele abriu um sorriso.

— Sei que vai. Cuide de si mesmo também. Há quem diga que este posto é mais perigoso que a Nova Ásia. Queremos que você volte para casa são e salvo.

Fiz que sim com a cabeça. Dentre milhões de palavras, o senhor Singer parecia sempre escolher aquelas que faziam você se sentir especial, importante.

— Nunca fui tratado com tanta grosseria — veio um resmungo do corredor. — E justo no palácio!

Nossas cabeças se viraram ao mesmo tempo. Aparentemente, os pais de Celeste também não tinham recebido com agrado a ordem de partir. A mãe dela arrastava uma mala enorme e concordava com o marido, jogando o cabelo para trás de tempos em tempos. Parte de mim quis se aproximar e oferecer um grampo de cabelo.

— Ei, você aí! — o senhor Newsome me chamou. — Venha pegar estas malas — ele ordenou, soltando a bagagem no chão.

O senhor Singer disparou:

— Ele não é seu criado; está aqui para nos proteger. Você pode carregar suas próprias malas.

O senhor Newsome fez uma cara de enfado e voltou-se para a esposa.

— Não acredito que nossa filhota é obrigada a se relacionar com uma Cinco — apesar de falar baixo, era óbvio que ele queria que todos nós ouvíssemos.

— Espero que Celeste não tenha adquirido os maus modos dela. Nossa menina é boa demais para esse lixo — a senhora Newsome comentou, jogando o cabelo para trás mais uma vez. Dava para ver onde Celeste aprendera a afiar as garras. Não que eu esperasse algo diferente de uma Dois.

Eu não conseguia desviar os olhos da felicidade maligna no rosto da senhora Newsome, até que ouvi um som abafado perto de mim: era May, chorando agarrada à mãe. Como se aquele dia já não estivesse difícil o suficiente.

— Boa viagem, senhor Singer — sussurrei. Ele respondeu com um aceno e acompanhou o resto da família até a porta da frente. Os carros já os esperavam. America iria odiar não ter podido se despedir.

Me aproximei do senhor Newsome e falei:

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

